

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Enigmáticas intencões

Semana passada voltou à cena principal personagem que não dava sumido do palco sem que nunca tivesse se afastado do bastidor: o senador José Sarney fez um inusitado discurso a título de homenagem a Tancredo Neves que, pela ausência de razões objetivas para tal e pelo conteúdo auto-referenciado do texto, acabou dando margem à conclusão geral de que Sarney teria, com o pronunciamento, lançado sua candidatura à presidência do Senado.

Velho conhecedor das artes e das manhas do companheiro de partido, o senador Pedro Simon, adicionou a esta outras tantas intencões: "Sarney tanto pode ser candidato a presidente do Senado como da República, da Organização Mundial do Comércio ou até mesmo a papa." É isso, Sarney parece mesmo ter dito que está a jogo, seja ele qual for.

O ex-presidente tem dito e repetido, mesmo na intimidade, que não tem mais muito interesse na política. A glória que quer agora é a reservada aos literatos, interessado que anda quase que exclusivamente em seus romances. Quase, no caso, é a mais profunda expressão da verdade porque José Sarney no mínimo está interessadíssimo na possibilidade da candidatura de sua filha Roseana à Presidência da República, em 2002.

E aí talvez resida uma boa pista para que se tente decifrar o enigma do discurso de elogio tancrediano sem que naquele dia, quarta-feira, 6 de junho, houvesse nada que marcasse coisa alguma relativa à vida, morte ou carreira de Tancredo Neves.

Note-se que, além de ressaltar a magnitude de seu governo (tendo razão pelo menos no ponto em que destaca a transição democrática), Sarney mostrou-se como homem da conciliação, da grandeza de espírito, da conduta serena e elegante.

Isso, mostrado assim num plenário que dois meses antes havia assistido a um festival de deselegância protagonizado pelo atual presidente da casa e por um candidato a sucedê-lo neste posto, foi o que bastou para autorizar as conclusões de que ali Sarney estaria apresentando suas credenciais a opção ideal.

Pode até ser, mas é difícil. Muito mais fácil é José Sarney estar querendo se apresentar como o homem capaz de promover a unidade, conseguir o impossível, que é a reaproximação de Jader Barbalho e Antonio Carlos Magalhães. Não devemos nunca nos esquecer que Roseana é do PFL e o pai do PMDB, o que desaconselha sobremaneira o distanciamento belicoso entre os dois partidos.

Além disso, é pensar um pouco e ver que assim, do jeito que as coisas estão, Sarney jamais poderia ser candidato à presidência do Senado. Não entraria numa disputa dessa, ainda mais em parceria com Antonio Carlos Magalhães, para perder.

E, se não quisesse perder, precisaria estar bem com Jader, hoje dono do PMDB e de algumas capitânias pefelistas irritadas com a conduta de ACM no Senado que está hostilizando senadores do partido que tenham relações amigáveis com o adversário.

Não é lícito supor que Sarney se juntasse a ACM para ser um candidato suprapartidário sem ter, primeiro, o apoio do próprio partido. E neste, que fique claro, quem manda é Jader, hoje em guerra com Antonio Carlos, o patrocinador da candidatura Sarney. Faz algum sentido?

Claro que não. E, por isso, de duas uma: ou Sarney não é candidato ou está se apresentando ao debate para sair dele como pai da unidade. Ou ainda poderá acertar quem escolher ambas as alternativas anteriores.